

Queda recorde nos títulos da dívida

28 AGO 1998

Extensão

Rio e Brasília — A cotação dos títulos da dívida externa brasileira chegou ontem ao ponto mais baixo desde a sua emissão, no início dos anos 90. O papel de maior liquidez, o C-Bond, sofreu uma desvalorização de 14% e fechou cotado a 49,5% de seu valor original de emissão. Comparações do Brasil com a Rússia foram o estopim para a derrubada no papel.

Analistas temem que o Brasil, com déficit tão elevado quanto o russo, tenha dificuldade para obter financiamento e acabe seguindo também para a moratória. Essa visão é considerada exótica pela maior parte dos economistas, mas, na dúvida, os investidores correram para reduzir o risco de suas aplicações.

Até a semana passada, os C-Bonds nunca haviam caído abaixo de 60% do valor de face. No início do mês, a cotação era de 75,64% — já em baixa, afetada pela crise russa. Desde então, o preço do título caiu mais 34,5%.

A fuga de investidores estrangeiros

ocorre também nos ativos brasileiros negociados no mercado interno. O saldo do mercado de câmbio ficou negativo ontem em algo entre US\$ 1 bilhão e US\$ 2,5 bilhões, segundo estimativas dos operadores. O tamanho real da saída só será conhecido hoje, porque o Banco Central e o Banco do Brasil simplesmente não deixaram as maiores remessas de divisas passarem pelo mercado. No mês, a saída acumulada já está na casa de US\$ 9 bilhões.

O BC também teve problemas para vender seus títulos no mercado interno ontem. Mesmo oferecendo papéis pós-fixados, que ganham rentabilidade quando ocorre uma alta dos juros, deixou de vender US\$ 1,6 bilhão em LBCs (um título de dois meses indexado pelos juros interbancários), de uma oferta total de US\$ 4 bilhões. Tomou essa decisão, por não aceitar propostas dos bancos pedindo uma taxa maior que a interbancária para comprar as LBCs.

O presidente Fernando Henrique

Cardoso acompanhou a crise com atenção ontem — em contato direto com o ministro da Fazenda, Pedro Malan. Mas segundo o porta-voz Sérgio Amaral, ele continua confiante na capacidade do país de se proteger nos efeitos da crise. “O Brasil não tem um participação direta em nenhum dos três principais focos da crise. Portanto, não há nenhuma razão para acreditar que seja a bola da vez, nem nenhum indício para crer que o Brasil seja, hoje, alvo de preocupações da comunidade financeira internacional”, observou Amaral.

Malan participará na próxima semana de uma reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI), em Washington, para discutir os efeitos da crise asiática sobre os países da América Latina. O FMI enviou uma carta aos principais governos da região, sugerindo que os ministros da Fazenda se encontrassem. Os outros oito participantes serão Argentina, Chile, Peru, Colômbia, México, Uruguai, Equador e Venezuela.